NOVO ENSINO MÉDIO E A FORMAÇÃO LEITORA: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUAGENS PARA O ENSINO DA LITERATURA

John Santos de Souza[48]

Resumo: Este projeto de pesquisa busca articular em sua análise três questões importante para o contexto escolar: o livro didático, leitura literária e a formação de leitores na escola básica. Aqui, objetiva-se, a partir de uma futura perquirição de uma coleção de livro didático, perceber quais autores são utilizados no material didático distribuído em escolas publicas da cidade de Alagoinhas, quais abordagens pedagógicas são dispostas para que o professor utilize para estimular a leitura e, por último, como todas as questões citadas podem ou não contribuir para formação de leitores. Não leitores indolentes e superficiais, mas que possuem olhar crítico a respeito das relações de poder. Assim, este pesquisa tem cunho qualitativo e bibliográfico e à luz de autores como Cruz (2012), Lajolo e Zilberman (2011), Soares (2009), dentre outros, irá refletir sobre o papel da escola na formação de leitores críticos e emancipados.

[48] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidade e Formação de Professores. Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: johnsantosdesouza@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Escola Básica. Leitura Literária. Letramento. Livro didático.

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa busca articular em sua análise três questões importante para o contexto escolar: o livro didático, leitura literária e a formação de leitores na escola básica. Ainda que a tecnologia tenha se desenvolvido e evoluído grandemente ao longo dos últimos anos, é inegável que o livro didático ainda tem servido como um importante objeto de ensino nas salas de aulas do Brasil e no mundo.

O professor de língua portuguesa que pretende estimular seus alunos no mundo da leitura literária sabe que – embora possua suas limitações e tenham problemas – tem no livro didático um aliado para provocar seus alunos com texto literário que podem servi-los para conhecer tantos novos autores, como escritores considerados canônicos.

No Brasil, sabe-se que é no período do Ensino Médio escolar que se trabalha de forma muito específica com literatura. Muitos professores chegam a dar enfoque a historiografia da literatura brasileira, desperdiçando o potencial que existe em colocar o texto

literário como o verdadeiro protagonista da aula e não a história da literatura.

Neste texto, pretende-se refletir sobre algumas questões propostas neste projeto de pesquisa do Mestrado em Crítica Cultural, da Linha 2: Letramento, Identidade e Formação de Professores. Primeiramente, abordando a leitura literária e a ação docente; em seguida, perspectivas freireanas para ação pedagógica e, por fim, a temática “a escola, o livro didático e o ensino literário”.

A LEITURA LITERÁRIA E A AÇÃO DOCENTE

A prática pedagógica aplicada pelo professor na sala de aula faz toda diferença para estimular ou não os estudantes a leitura literária. Num mundo tão globalizado. Numa sociedade tão imersa nos avanços tecnológicos, ensinar literatura, ou melhor, ler/imergir/refletir (tomando como ponto de partida para pensar sobre si e sobre o outro no mundo), pode constituir-se num imenso desafio. Pois, não há como negar que os diversos dispositivos, frutos das novas tecnologias, exercem um imenso impacto na vida física, psicológica, espiritual e nos ânimos dos alunos da escola básica.

O ato de ler pode constituir-se, ao mesmo tempo, num momento de prazer ou numa tortura mental. Se pode proporcionar

entretenimento, prazer passageiro, mas considerado importante pelo adolescente, pode, também, ser cansativo, uma vez que outras coisas/situações brigam, concorrem para chamar atenção dos alunos.

Sobre alguns dos livros/ou forma de leituras que foram muitos comuns no lar e vários brasileiros, assim escreveu Lajolo & Zilberman (2011):

> [..] a leitura do folhetim semanal ou das Sagradas Escrituras invade o lar burguês, integrando-se ao cotidiano familiar e passando a constar das representações imaginárias da classe média, traduzidas, por exemplo, por pinturas e fotografias que retratam a paz doméstica abrigada pelo livro (Lajolo & Zilberman, 2011, p.16)
>
> [..] cabe lembrar que, em suas formas mais modernas, a propagação da leitura depende ainda de uma valorização positiva do lazer, já que os livros constituíram uma das primeiras manifestações baratas e acessíveis de entretenimento (Lajolo & Zilberman, 2011, p.16)

Como bem pontuado por Lajolo e Zilberman nas citações acima, alguns instrumentos de grande relevância para a leitura do lar aristocrático foi a Bíblia e os textos vindos da imprensa. Através desses lugares os poucos sujeitos leitores da sociedade tinham oportunidade de dedicar-se a leitura e reflexões literárias. Em meio a tudo isso, o leitor de classe média podia obter uma boa fonte de entretenimento.

A imersão na leitura literária acontece quando o estudante foi fisgado pelo texto literário. A imersão se desenvolve, quando o discente conseguiu atribuir sentido ao que foi lido. Em frente a isso, esse leitor se lança na busca por pesquisar sobre os assuntos que atravessam aquela obra ou mesmo se propõe a conversar com outros sobre o que acabou de mergulhar. Desenvolvendo, assim, inferências sobre o lido.

A reflexão acontece, obviamente, da mistura tanto da imersão como da interpretação que ultrapassa a superfície textual. Não há como dissociar boas ou mesmo aprofundadas interpretações textuais realizadas por estudantes sem olhar para a figura do professor. E a reflexão acontece quando se estimula uma postura crítica do estudante frente ao objeto lido. Este objeto é o livro, seja em seu formato físico ou mesmo digital. O tipo de texto posto para trabalho em sala de aula deve ser muito bem escolhido pelo professor:

> Textos informativos são importantes para desenvolver a seleção de informações, a relação entre elas e o contexto social e histórico em que foram produzidas, a análise da parcialidade. Entretanto, a relação do texto literário com o universo verbal e extraverbal que o circunda exige isso e muito mais do leitor. São textos que envolvem a emoção e a razão de forma simultânea e apresentam uma organização

> linguística e gráfica muitas vezes surpreendente, não sendo menor a produção de conhecimento cognitivo quando proporcionada sua leitura de forma significativa (Lourenço, 2021, p.88).

Este projeto de pesquisa do mestrado busca contribuir para que professores pensem e reflitam sobre suas práticas de leituras na sala de aula. Mas não apenas, que os docentes não se deixem ficar engessados numa prática opressora de ensino quando fizerem usos dos livros didáticos em suas salas de aulas. Não basta querer mudar suas abordagens metodológicas, o docente precisa esforçar-se em tomar novos rumos de ensino a partir de uma mudança de mentalidade sobre o que é educação no século XXI.

Hoje em dia, o aluno que compõe as turmas de escolas não possui o mesmo perfil de décadas atrás. Hoje, muitas são as concorrências que se fazem presentes no momento em que se trabalha com leitura literária. O celular. O tablet. As redes sociais. Ou os vários dispositivos tecnológicos que surgiram com o avanço desta ciência computadorizada.

> Levando em conta que a chegada do novo século com o seu aparato tecnológico midiático fez com que o sujeito aderisse à leitura imagética em detrimento a leitura escrita, pode ocorrer que esta crise afete uma grande variedade de competências, de atitudes e de representações

> face à leitura literária, tendo em vista que a acessibilidade ao mundo imagético é mais rápida e atende na medida do possível às necessidades do sujeito que o procura (Cruz, 2020, p.16).

Como bem apontado pela doutora Maria de Fatima Berenice da Cruz (2020) na citação acima, os novos tempos em que se encontra a sociedade atual, tem suscitado dos sujeitos um olhar mais atilado para as imagens. Essa é uma geração imagética. O desafio do professor, frente aos novos cenários, é estimular que os estudantes a irem além de uma mera visão pragmática da leitura. É necessário estimular os alunos a aprofundarem a interpretação dos textos que tem contato. Como dito por Cruz (2020), "a chegada do novo século com o seu aparato tecnológico midiático fez com que o sujeito aderisse à leitura imagética em detrimento a leitura escrita", procurar fazer uma mediação equilibrada é muito importante.

Mesmo diante do cenário anteriormente citado, cabe não esquecer:

> A fragilidade do sujeito contagia o narrador, para quem o apelo ao leitor constitui maneira de acreditar no próprio eu. Esta é outra faceta da modernidade do romance, que, retratando um modo de vida que se esboroava, como o dos desmandos de um coronel nordestino, apresenta igualmente o processo de fragmentação do eu e a necessidade de parcerias igualitárias, como a

> que a relação entre narrador e leitor mimetiza (Lajolo & Zilberman, 2011, p.52-53)

Nas falas das autoras evidenciam alguns pontos interessantes de serem observados: (a) o livro tem possibilidade de retratar a sociedade, possibilitando que o leitor veja pelo ângulo da ficção uma outra faceta da sociedade da qual faz parte; (b) a fragmentação das vivências sociais – através do texto literário é possível outras possibilidades de ação dos indivíduos. Logo, a partir das pontuações de Marisa Lajolo e de Regina Zilberman (2011) da relação texto literário, narrador literário e o leitor e as possibilidades de interpretação das retratações da sociedade em obras literárias, pode-se ver as potencialidades que as obras literárias possuem para estimular o indivíduo à emancipação social. Situação essa que não podem ser escanteadas.

PERSPECTIVAS FREIREANAS PARA AÇÃO PEDAGÓGICA

Em frente ao que foi dito, cabe refletir sobre algumas posturas que o professor da educação básica pode assumir diante aos novos desafios trazidos pela evolução tecnológica. O professor não pode simplesmente esquivar-se do que está dado nos novos cenários trazidos pela contemporaneidade, cabe a ele assumir uma ação proativa e por vezes até mesmo criativa. Assim, aqui, quero

argumentar sobre três posturas: o professor pode ser *omisso, impositivo ou aberto a possibilidades*.

Paulo Freire nos ajuda a pensar sobre as três características. A princípio, comentemos o que baliza tais perfis de alguém que tem o papel de ensinar/passar informação e conhecimento/estimular um pensamento crítico.

Um professor omisso pode ser percebido através de sua negligência em posicionar-se perante temáticas sociais que estão postas na sociedade atual, mas não apenas. Esse tipo de professor/a é aquele que se esquiva de aprender ou aprofundar conhecimento ou mesmo que diante de novos saberes não deseja posicionar-se, pois para ele não é algo importante. Sobre a neutralidade, assim aponta Freire (1996):

> [..] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (Freire, 1996, p.28).

A partir das palavras colocadas pelo autor referenciado, podemos depreender por meio do autor que: (a) uma postura omissa pode revelar um educador que não está disposto a aprender com o seu aluno, assim, negando a estabelecer uma relação de troca de conhecimento e aprendizados, fatores tão importantes numa relação entre alunos e professores; (b) pode revelar uma ausência de idealizações tão essenciais numa prática pedagógica que se propõe a ser propositiva, estimuladora de esperança e sonhos; (c) ser omisso, decidir se guardar num guarda-chuva de uma suposta neutralidade é partir do pressuposto de uma suposta ação não política, situação essa inexistente quando se trata de ensino.

A postura do professor impositivo é fruto da ação de um educador que abraçou uma concepção bancária da educação. É aquele docente que decidiu escusar-se de escutar os anseios, desejos e contexto de ensino em detrimento do currículo escolar ou imposições das autoridades escolares. Negar a situação em que está sua sala de aula ou mesmo o perfil dos estudantes com quais trabalha/ensina/aprende é tomado com naturalidade pelo professor impositivo.

> A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do

> amor à vida. A concepção "bancária", que a ela serve, também o é. No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-la mais e mais humano (Freire, 1987, p.37)
>
> A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta critica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico, (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam) é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão. Ao denunciá-la, não esperamos que as elites dominadoras renunciem à sua prática. Seria demasiado ingênuo esperá-lo. Nosso objetivo é chamar a atenção dos verdadeiros humanistas para o fato de que eles não podem, na busca da libertação, servir-se da concepção "bancária", sob pena de se contradizerem em sua busca. Assim como também não pode esta concepção tornar-se legado da sociedade opressora à sociedade revolucionária (Freire, 1987, p.38)

Nos trechos do livro Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (1987), podem ser encontradas as características que formam o perfil do educador bancário-opressor. Dentre os aspectos estão (a) a prática educativa como a morte do sujeito aprendente, isto é, a ação de

ensino como necrofilia opressora; (b) propõe-se a ser tecnicista e descompromissada com o olhar para o contexto de vida do aluno, logo coloca de lado o traço "mais e mais humano" da educação; (c) ter como ênfase a ideologia hegemônica, pois não quer, nem deseja confronta-la, mas conforma-se com o que já está posto; (d) pode camuflar-se de falsos humanistas, pois, mantido na pretensão da fuga ideológica, muitas vezes pode não perceber o estrago que está propagando a partir da mera reprodução mecânica que está fomentando.

É importante ressaltar que tanto as características do educador omisso como do opressor não estão dissociadas, mas, por vezes estão imbricadas. Pois ambos, a seu modo estão em constantes diálogos. E aqui, na verdade está a diferença. O *professor opressor* é omisso. O professor omisso pode ser *opressor*. No entanto, o educador omisso pode por vezes abrir-se a novas concepções e depois voltar-se completamente a estaca zero.

A terceira postura do educador é a do *professor aberto, aberto a possibilidades*. É aquela que postura na qual o educador coloca-se como produtor de conhecimento. Aproveita todas as oportunidades para estimular em seus alunos novas formas de conhecimento ou mesmo cria bons ambientes (isto é, potenciais de criações) para

trabalhos com assuntos mais conservados ao longo do tempo e que se faz necessário ser constantemente visitados/revisitados.

> O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se "aproximar" dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso "bancário" meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos (Freire, 1996, p.13)

Diante do exposto, fica evidente que o educador aberto, como aqui está sendo chamado aquele professor que faz dos obstáculos epistêmicos opressores - que se encontram na sociedade – algo a ser

combatido, realizando um trabalho sério, organizado, competente. O educador aberto a possibilidades de melhor desempenhar o seu trabalho, não deixa de lado a sua "rigorosidade metódica", mas ele não se curva a uma visão opressora de educação. Ele não confunde produção de saberes em sala de aula com depositação de informação sobre seus alunos.

A ESCOLA, O LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO LITERÁRIO

Este projeto de pesquisa pretende articular reflexão sobre formação de leitores, prática pedagógica na escola básica e a importância do livro didático dentro dessa relação. A escola, o livro didático e o ensino de literatura estão imbricados. É sabido que a escola básica desempenha uma importante função social. É sabido, também, que o livro didático é um dos mais importantes instrumentos metodológicos de ensino nas salas de aulas brasileiras. E ainda, sabe-se que o ensino de obras literárias ganhou no material distribuído nas escolas públicas brasileiras uma forma e uma fôrma. Diante de tudo isso, faz-se importante pensar essas relações historicamente estabelecidas.

Segundo Magda Soares (2009):

> Uma outra vantagem de avaliar o letramento em termos de anos de escolarização é que a responsabilidade de classificar indivíduos como alfabetizados, letrados, ou analfabetos, iletrados é transferida para um árbitro provavelmente mais confiável: enquanto a informação baseada em autoavaliação fundamenta-se basicamente na avaliação do próprio informante sobre suas competências de leitura e escrita, como discutido anteriormente, o critério de conclusão de série escolar atribui a avaliação ao sistema escolar, aproximando-se, dessa forma, de uma estimativa mais imparcial (Soares, 2009, p.90)

Logo, de acordo com a autora referenciada, embora tenha problemas em seus métodos e categorizações de ensino e níveis de salas seriadas, a escola básica ainda oferece níveis confiáveis de avaliação de desempenho dos estudantes, podendo fazer boas análises de letramento, alfabetização e leitura. Assim, pode-se depreender o importante papel que a escola pode influenciar na vida das pessoas quanto à leitura.

Quanto ao livro didático, a maioria das pessoas que lidam com educação está bem ciente de sua importância no desenvolvimento de muitas atividades escolares. O livro didático possibilita que muito dos conteúdos exigidos pela coordenação das escolas possam ser expostos aos estudantes. O livro didático é construído com o proposito de seguir as diretrizes básicas da educação propostas pelo Ministério da

Educação (MEC; que coordena e estabelece normas para educação nacional). O livro didático por vezes é utilizado por professores da educação básica como meio de organização de conteúdos programáticos.

Assim, a literatura que vem nele embutida acaba por ser aquela já considerada canônica ou torna-se canônica para os estudantes que com ela tem contato através deste material, que serve como viés de confirmação daquilo que é um assunto importante em sua formação.

Sobre leitura literária, assim se manifestou Lourenço (2021) em sua tese intitulada *Leitura literária temática no Ensino Médio: princípios e orientações metodológicas*:

> ***A leitura literária de obras que suscite a análise de temas eleitos pelo professor*** – por afetarem diretamente os alunos, por serem carentes de discussão ou, mesmo que estejam em voga, por serem debatidos de forma unilateral – ***é um movimento capaz de possibilitar aos alunos uma visão mais sintética e total dos fenômenos da prática social. Assim, concebemos o ambiente da sala de aula como um espaço de autonomia*** na medida em que as escolhas metodológicas possam refletir a singularidade de cada contexto no qual o ato educativo se insere (Lourenço, 2021, p.101; ***grifos meus***)

> A literatura reitera e rompe, em aparente contradição, e nos faz compreender dialeticamente o mundo e nós mesmos. Porém, as relações dentro do texto literário não são óbvias, são sutis, e a leitura de obras que perscrute essas relações em congruência com o mundo do leitor só encontra espaço formal na instituição escolar. É nesse ambiente que emerge a figura do mediador da leitura literária (na verdade, do leitor mais experiente que já incorporou conhecimentos e conceitos necessários ao processo de leitura e que os instrumentaliza para a relação do leitor menos experiente com o texto literário desafiador), papel que, em nossa pesquisa, cabe ao professor por estarmos tratando especificamente da leitura em sala de aula. ***Acreditamos que os usos e interpretações que o leitor faz do objeto estético, em interação com o mediador e o seu meio, é que possibilita (ou não) que a literatura cumpra sua função social*** (Lourenço, 2021, p.102-103; ***grifo meu***)

Em frente a essas palavras de Lourenço (2021), infere-se (a) a leitura literária pode possibilitar que o sujeito leitor tenha uma visão de questões sociais de forma mais capaz; (b) o ensino de literatura deve acontecer dentro de um ambiente que cultive e estimule autonomia deste discente; que não o limite das possibilidades de significação que o texto literário pode proporcionar; (c) no texto literário o professor pode encontrar uma valiosa ferramenta de promoção do pensamento crítico. Um pensamento crítico não só do

mundo que rodeia o sujeito leitor, mas de si mesmo. Essa é uma das potências do texto literário, proporcionar que o leitor adentre num universo no qual não vai apenas encontrar entretenimento, mas outras formas de universos que possibilitem reflexão; (d) Não se pode desprezar o papel do professor como mediador. Num tempo em que vídeos de redes sociais, google e Youtube parecem desempenhar uma ótima forma de ensino, parece que o professor já não tem mais serventia, importância. Mas o professor continua sendo um grande meio de mediação entre o conhecimento científico e o estudante. O docente continua tendo uma grande importância na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos desafios que surgiram com o advento e evolução tecnológica. Embora sejam muitos os obstáculos que se interponham entre ensino de qualidade e disposição dos estudantes em prestar atenção nas aulas ministradas pelos docentes e o ato de apreender; não se pode negar a importância que a escola básica possui para a formação de cidadãos na sociedade.

A literatura como um dos conteúdos obrigatórios dentro da aula de língua portuguesa é um poderoso instrumento para estimular pensamento crítico e reflexão de situações/questões sociais. Assim,

nas mãos de um professor compromissado com uma educação de qualidade, dotado de desejo de que sua prática pedagógica seja importante na vida de seus estudantes; o ensino de literatura tona-se agradável (não necessariamente fácil), possibilitando que os alunos gostem e se desenvolvam no caminho da leitura.

É no Ensino Médio que se costuma trabalhar com o texto literário de forma mais enfática nas aulas de língua portuguesa, cabe ao professor esboçar uma abordagem pedagógica na qual o estudante possa não apenas vê a literatura como um instrumento para entretenimento, mas como possibilidade de se pensar no mundo e sobre o mundo. O livro didático como um dos materiais utilizados como auxílio nas aulas, não pode ser visto de maneira desatenta pelo docente.

O livro didático é uma das fontes mais próximas de trazer o estimulo para leitura da qual o estudante de escola básica terá. Por isso, ter um olhar crítico sobre ele, procurando perceber quais autores ele traz; quais obras ele acaba – voluntariamente ou não – qualificando como canônico, faz-se de grande utilidade para o trabalho com leitura em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Um nordeste literário em verso e prosa*. 1. ed. Aracaju, SE, Criação Editora, 2020.

LOURENÇO, Suéllen Pereira Miotto. Leitura literária temática no Ensino Médio: princípios e orientações metodológicas. *Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES*. Espirito Santo, Vitória, 2021, 209p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil.* 1ª edição. São Paulo: Ática, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa.* 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura), 166p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido***.** 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3º Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 128p.